

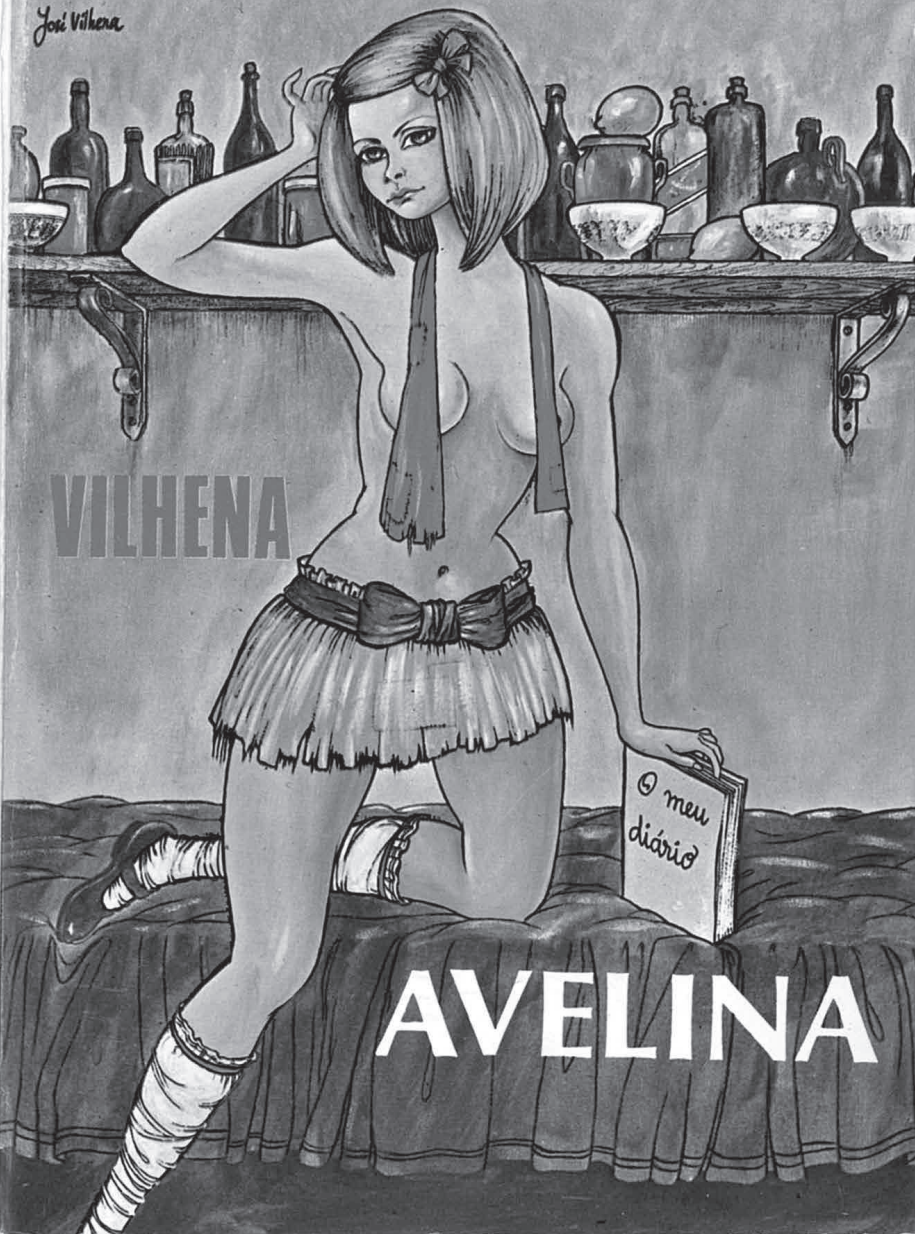
AVELINA

CRIADA PARA
TODO O ÇERVIÇO

PREFÁCIO DE RUI ZINK



José Vilhena



VILHENA

meu
diário

AVELINA

Prefácio



jovem Avelina, autora do comovente diário de que vos oferecemos agora a primeira parte, veio ao mundo num longínquo inverno dos anos trinta. Embora no nosso país e muito especialmente nas Bouças (bucólico lugar onde ela viu a luz do dia) a paz estivesse feliz e definitivamente estabelecida, no resto do mundo as coisas iam de mal a pior. No meio de conferências, convenções, pactos e tratados, as nações belicosas iam preparando discretamente a segunda guerra mundial e, ao mesmo tempo que a Avelina nascia para a vida física, grandes acontecimentos se preparavam, e nasciam para a história grandes vultos da civilização contemporânea. Mais ou menos quando fez oito anos, foi à pia baptismal, levada pela senhora Lúcia das Geiras e pelo senhor Domingos da Fonte, justamente quando no centro da Europa um jovem e talentoso pin-

tor da construção civil resolveu trocar essa laboriosa e honesta profissão pela de condutor de exércitos e exterminador de povos, o que significou muito mais que a simples mudança de emprego de um cidadão, pois conduziu a uma terrível e desastrosa viragem histórica.

Baptizada a Avelina e integrado definitivamente na política o tal pintor — que certamente já todos identificastes como o Führer do III Reich — o mundo deu passos graves, inquietantes, sangrentos, não por culpa da primeira, coitada, nem totalmente do segundo, como sabeis, pois se não fossem os comparsas que o ajudaram a trocar o fato-macaco pela farda de marechal, certamente, durante uns bons vinte anos, ainda ele teria andado de brocha na mão pelos J. Pimenta lá do sítio.

Deixando-nos porém de políticas, que não é matéria que nos convenha, e procurando situar com melhores dados históricos o nascimento da autora deste diário, diremos ainda que nesse tempo as senhoras elegantes andavam de midi ou de maxi, só que não lhes chamavam ainda semelhantes nomes, mas simplesmente saias, mais curtas ou compridas conforme os conceitos da decência de cada uma ou a tolerância dos respectivos maridos. A mini, tal como a vínhamos vendo (e que tão cruelmente vai sendo negada ao prazer dos nossos olhos) era então inconcebível como traje urbano, só sendo possível encontrá-la em cabarés e outros lugares pouco recomendáveis.

e mesmo assim sem a liberalidade e as perspectivas ousadas que trouxe às pernas das nossas namoradas, esposas, filhas, mães... e até avós.

Posto isto não nos alongaremos sobre a infância da Avelina, que não tem positivamente história que valha a pena contar. Depois de lhe atarem o cordão umbilical com um pedaço de tripa de porco, a criança, a pesar de subalimentada, desprotainizada, e desvitaminizada, lá se foi desenvolvendo e lá cresceu irremediavelmente suja, ranhosa e guedelhuda como todas as crianças nadas e criadas nas Bouças. Aos oito anos foi à escola, onde fez progressos notáveis — aí é que começa verdadeiramente a sua história — a pontos de se tornar o único membro alfabetizado da família.

A versão que damos do seu diário, diga-se em abono da verdade, não é a que integralmente nos foi cedida pela própria autora. Tivemos que fazer uns cortes, modificar e refrear certas passagens em que a descrição de factos, pelo seu excessivo realismo, ultrapassa os limites impostos à expressão escrita pelos guardiões dos nossos costumes ⁽¹⁾ e, sobretudo, fizemos uma abundante monda de palavrões e obscenidades que, de facto, não ficariam bem numa publicação que vai para as mãos de pessoas de todas as condições sociais,

⁽¹⁾ Lembramos, por exemplo, as cenas do Dr. Cardoso e da Júlia, na cama desta última.

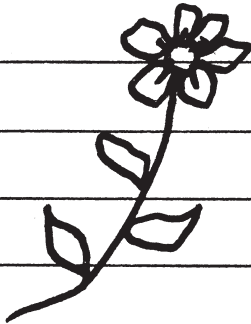
nestas incluídas as pessoas bem pensantes, que, ao que me consta, também vão comprando estes livrinhos...

Gramaticalmente, também demos um jeito, porque a rapariga, a despeito dos seus inegáveis dons de cronista e do colorido que empresta a cada situação, estava-se um bocado nas tintas para a morfologia e para a sintaxe, o que não admira, uma vez que no seu já longínquo ciclo escolar não havia ainda essa performance da quinta e sexta classes. Procurámos, contudo, e na medida do possível, manter o espírito do texto inicial, de acordo aliás com a vontade expressa pela autora, que, diga-se desde já, embora de passagem, se tornou entretanto uma figura de relevo nos meios artísticos da capital. Esperamos dentro em breve oferecer à vossa curiosidade a segunda parte deste diário, contendo a apaixonante experiência portuense da Avelina, ou seja a sua permanência ainda longa e laboriosa na cidade da Virgem. Também ela o era ainda, quando para lá foi.

Diário

de

Arnelina



8 de Setembro de 1945

Faz hoje três dias que cheguei das Bouças para servir em casa da senhora dona Carmindinha e do marido, a quem chamam o Dr. Cardoso, que é o dentista cá da Vila e também é o dono da Farmácia Central, e por isso é que eles são tão ricos e moram numa casa tão grande e toda cheia de mesas, cadeiras, armários e outras coisas que ainda nem sei ao certo para que servem.

Foi o meu pai que me veio cá trazer. Andámos, ainda de noite, quatro horas a pé até Fanheiros, depois apanhámos a camioneta de Viseu e quando chegámos à Vila descemos, procurámos pela casa do Dr. Cardoso e esperámos mais de meia hora ao fundo das escadas, à torreira do sol, para que eles acabassem de almoçar.

Quando a dona Carmindinha apareceu, o meu pai entregou-lhe uma carta e uma cesta do sr. Freitas, que é o dono das terras onde a gente trabalha — e é tão amigo do Dr. Cardoso que até cá vem arrancar os dentes podres, os dele e da

mulher — e disse que o sr. Freitas e a dona Clarinha mandavam muitos cumprimentos e aquela cesta de figos, que desculpasse ser coisa pouca e mais para aqui e para ali... que o meu pai a falar não é peço e não se atrapalha mesmo quando fala com gente de peso ou de estudos. Depois entregou-me à dona Carmindinha, fez um grande teatro a explicar o que lhe custava ter-me criado; disse que daí em diante era como se eu fosse filha dela, que podiam dar-me correcção e porrada quanta fosse precisa, mas que eu era obediente, tinha bons modos, e estava afeita a trabalhar e a satisfazer-me com pouco; que vinha só pelo comer e por algum trapito velho que não fizesse falta às *senhoras* e que já era um grande favor ensinarem-me maneiras e a servir em casa de gente fina, que a lavoura dele não dava para tãntas bocas... embora eu, é claro, comesse pouco, «como já tinha explicado a vossa excelência». Depois de ter dito aquilo tudo e enquanto a senhora lia a carta, pôs-se a admirar as ramadas carregadas de *bastardo* e uva de mesa que havia em frente à casa, afeiçãoou a cabeça de um cachorro que por ali andava a dar ao rabo e, quando a dona Carmindinha disse que me deixasse ficar (que logo se ia ver para que é que eu servia) e me mandou subir as escadas com a cesta dos figos, gritou-me cá de baixo: «Tem juízo, rapariga; não faltes ao respeito aos teus patrões, que já sabes o que te espera lá nas Bouças!...» Então eu desatei a chorar, mas ele nem olhou para trás

e lá se foi todo lampeiro a abanar-se com o chapéu, direito a uma tasca que há aqui mesmo em frente do portão, entre a Cadeia e o Grémio.

Logo que entrei em casa, a dona Carmindinha perguntou-me se já tinha comido e eu disse que sim, por vergonha, embora estivesse ali que mal me tinha de pé, só com umas côdeas no bucho desde que saí das Bouças, e ela então mandou-me para trás a limpar os pés à entrada da porta, entregou-me um avental e uma vassoura e disse: «Agora varre este corredor com cuidado que eu já cá venho ver se tens préstimo para alguma coisa!» e eu comecei a varrer o melhor que pude e quando ela veio nem para o chão olhou e disse: «Agora anda cá que és precisa na cozinha! Sabes cegar couves?» «Sei, sim senhora...» disse eu atrás dela... «E escolher arroz?» «Escolher arroz não sei, não senhora!...» E a verdade é que não sabia, que a minha mãe nunca escolhia o arroz, tão pouco era o que chegava lá a casa... «Então lava-me essa rima de pratos, mas livra-te de partir algum, ouviste?» «Ouvi, sim, minha senhora...» Quando já ia a desandar, voltou-se para trás e perguntou: «É verdade, como é que te chamas?» «Lina», disse eu... «Lina?! Então isso é nome de gente?» «Não senhora; sou Avelina...» E cá para mim: «E tu, o que deves ser é uma grande cabra!...» E não me enganei porque ontem passou o dia em cima de mim a chagar-me e hoje a coisa ainda val a piorar desde que o estu-por da gaja se levantou da cama.

12 de Setembro de 1945

Já faz uma semana que aqui estou e ainda não consegui perceber se é melhor ou pior do que estar nas Bouças. A casa é muito grande; maior que ela só a Igreja e a Câmara; mas da casa só depois é que falo, que primeiro vou falar das pessoas que cá moram. O dono é o sr. Dr. Cardoso, um homem bem parecido, à volta dos quarenta e cinco anos, com uns grandes bigodes e um bocado careca, mas sempre muito bem vestido. A mulher é a dona Carmindinha, a tal que me anda sempre a chagar de manhã até à noite, uma tipa gorda e baixinha que dizem que tem quarenta anos, mas que parece que tem muitos mais, que até passava por mãe do marido e anda sempre a rezar ou a peguilhar com o pessoal. Logo de manhã cedo, levanta-se e vai à missa, engole a hóstia, muda as flores à Santa Filomena, conversa com o padre e volta para casa espicada, às ferroadas a mim que parece uma vespa: «Não limpaste isto; não varreste aquilo; não fazes nada que jeito tenha; não tarda muito que vás outra vez para onde vieste; olha-me para essa mesa coberta de pó!...» E eu sempre: «Sim minha senhora; está bem minha senhora...», mas cá por dentro a chamar nomes à pata que a botou

cá para fora... Cigana! E ainda por cima, como eu me calo, ouvia-a dizer a uma vizinha: «A rapariga não tem maus modos, não é respondona; só é pena que seja tão calaceira»...

A seguir é a Lètinha, a filha: tem dezoito anos, anda no Porto a estudar para professora e namora o Arlindo, filho do sr. Quintas, um homem de poucas letras e muito bago, que dizem que tem mais de metade das terras cá da Freguesia e ainda por cima é negociante de vinhos e fruta e dono da carreira das camionetas. O filho, o tal Arlindo que namora a Lètinha, é que não vai lá nos estudos, que o pai bem queria fazê-lo médico ou engenheiro, mas, como é um grande borguista, parece que vai metê-lo nos negócios assim que fizer vinte e um anos, logo a seguir ao S. Miguel. Além da Lètinha, o Dr. Cardoso e a dona Carmindinha têm um filho de treze anos, o Bèrtinho, já espigadote e sabido, que anda no colégio dos padres aqui na Vila. A mãe trá-lo sempre debaixo de olho, não o deixa acompanhar com outros rapazes e, então, desde que eu cá estou, não o perde de vista, com medo que ele se meta comigo... E tem razão, que o sacana vê-se mesmo que anda à espreita da primeira ocasião para me deitar as unhas, que já noutro dia me agarrou na loja e o que valeu foi ouvirem-se os passos da mãe e ele cavar para o quintal à desfilada!... Não há dúvida que tenho de me pôr a pau com o estupor do catraio, que já canta de galo e começa a pintar-lhe o bigode!...

Vive também lá em casa uma senhora, prima da dona Carmindinha, a quem chamam a menina Rosa, por ser ainda solteira, embora seja mais velha que a outra. Mas não parece! Anda sempre muito arranjada e cheia de decotes, concerteza a ver se ainda topa casamento e até admira que não apareça nenhum tinhoso, porque ela lá dinheiro tem e só numa quinta no Troviscal colhe para cima de vinte pipas de vinho e duas de azeite. Tratam-na todos muito bem para ver se lhe apanham as terras e os prédios que tem em Moimenta; o sr. doutor dá-lhe pastilhas para o nervoso e para dormir; a Létinha não sabe mais o que lhe há-de fazer, que até a leva a passear com o namorado, mas de quem a menina Rosa gosta é do Bêrtinho. Passam horas os dois fechados no quarto dela a dormir a sesta ou a conversar e a mãe toda satisfeita por saber que enquanto ele ali estiver não lhe faz malandrices noutra lado...

A Júlia é outra criada da casa, mas essa já tem vinte e três anos e está lá vai para quatro. Dorme no mesmo quarto que eu (se é que àquilo se pode chamar quarto), mas, não sei por quê, não olha para mim a direito. Quando, no dia em que eu cheguei, a dona Carmindinha lhe disse que eu ia dormir no quarto dela, ficou como uma barata; barafustou que gosta de ficar só, que o quarto já é pequeno para uma quanto mais para duas, e foi preciso a senhora dizer-lhe que o melhor era ir-se embora se não estava bem,



Jose Vilhena

A dona Carmindinha e o marido

para a gaja parar de resmungar. E já que falo no quarto, vou agora dizer como é a casa que tem três andares: no de baixo fica a garagem, uma loja muito grande onde se guardam as batatas, as cebolas, o vinho e os presuntos que o sr. doutor traz da quinta, mais o quartito onde nós dormimos, que não tem janela e é pela garagem que a gente entra, e uma loja mais pequena que é a da lenha.

No andar do meio ficam duas salas muito bonitas com uns grandes candeeiros pendurados do tecto e os armários cheios de copos e jarras e travessas, mas tudo coisas finas. Também tem um piano onde a Létinha toca modinhas muito bonitas quando o Arlindo vai à caça ou tomar banho ao rio com os amigos, ou à noite, depois do jantar quando o sr. doutor está bem disposto... que, se está com os vinagres, não quer ouvir nada dentro de casa e até nos fecham a porta da cozinha para ele não resmungar com o barulho que a gente faz a lavar os pratos e as panelas... Têm todos cá um génio nesta casa!...

Por falar na cozinha, a de cá é muito grande e fica ao fundo do corredor e tem ao lado uma salita pequena com duas arcas de roupa e uma máquina de costura, onde, todas as sextas-feiras, a menina Adozinda vem remendar os lençóis ou as calças e os coturnos do Bèrtinho, ou mudar os punhos e os colarinhos das camisas do sr. Doutor. Isto é para que se veja como é gente rica, que manda fazer tudo aos outros, que a dona